



OS “FILHOS DA BOMBA”: memória e história entre os relatos de sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki e a “Campanha pela Proibição das Bombas Atômicas” no Brasil (1950).

Dr. Jayme Ribeiro.

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP).

RESUMO

Após a Segunda Guerra Mundial, entra em cena a bomba atômica, uma arma com um poder de destruição muito superior ao das armas que, até então, eram utilizadas nos conflitos internacionais. As bombas atômicas jogadas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, em 1945, causaram um enorme impacto na opinião pública mundial. Governos de diversos países do mundo não conheciam o verdadeiro teor de uma arma que utilizava a energia atômica. Milhões de pessoas em todo o mundo só souberam o que era a bomba atômica na prática, isto é, após os episódios de Hiroshima e Nagasaki. Os militantes comunistas brasileiros utilizaram-se de relatos de sobreviventes das cidades japonesas para angariarem assinaturas em prol dos “Apelos” em favor da paz mundial. A imprensa não comunista, por sua vez, não permitindo o direito à diferença, condenava as ações “pacifistas” orientadas pelo PCB e não informava à população as conseqüências de uma guerra nuclear e os efeitos de uma explosão atômica.

Palavras-chave: PCB, Paz, Memória, Hiroshima, Nagasaki.

ABSTRACT

After the Second World War, comes the atomic bomb, one weapon with a power of destruction superior to the ones that were until that time utilized in international conflicts. The atomic bombs thrown over the Japanese cities of Hiroshima and Nagasaki, in 1945, caused a huge impact in the world public opinion. Governments of several world countries didn't know the true purport of a weapon that used the atomic energy. Millions of people all over the world only knew what it was an atomic bomb in practice, I mean, after the episodes of Hiroshima and Nagasaki. The Brazilian communist militants utilized the reports of the survivals of the Japanese cities to collect signatures in defense of the “Appeals” in favor of the world peace. The non communist press, by its turn, not permitting the right to difference, condemned the “pacifist” actions oriented by BCP (Brazilian communist Party) and didn't inform the population the consequences of a nuclear war and the effects of an atomic explosion.

Keywords: PCB, Peace, Memory, Hiroshima, Nagasaki.

Introdução

No período posterior à Segunda Guerra Mundial, entra em cena a bomba atômica, uma arma com um poder de destruição muito superior ao das armas que, até então, eram utilizadas nos conflitos internacionais. As bombas atômicas jogadas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, em 1945, causaram um enorme impacto na opinião pública mundial. Governos de diversos países do mundo não conheciam o verdadeiro teor de uma arma que utilizava a energia atômica. Milhões de pessoas em todo o mundo só souberam o que era a bomba atômica na prática, isto é, após os episódios de Hiroshima e Nagasaki. Mesmo a partir daquele momento, muitos se perguntaram: o que é a bomba atômica? Quais são seus efeitos? Quais as conseqüências para uma pessoa que sobrevive à explosão? O que acontece a uma pessoa exposta à radiação derivada da bomba? Essas e muitas outras perguntas eram feitas, com freqüência, por inúmeras pessoas em todo o mundo.

Dessa maneira, antes de fazer a análise da relação entre memória e história dos sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki e sua apropriação pelos comunistas brasileiros na “Campanha Pela Proibição das Bombas Atômicas”¹, é necessário elucidar alguns aspectos concernentes às bombas atômicas e seus efeitos para a humanidade.

A cidade de Hiroshima, em agosto de 1945, fora atingida por uma bomba que marcou a era atômica no mundo. Uma arma de formato cilíndrico, medindo três metros de comprimento por 70 centímetros de diâmetro, pesando quatro toneladas e apelidada de “Little Boy”. Três dias depois, caía sobre a cidade de Nagasaki outra bomba atômica, de potencialidade ainda maior. Com o apelido de “Fat Man”, ela possuía 3,5 metros de comprimento e uma barriga proeminente de 1,5 metro em seu diâmetro máximo. Pesava meia

¹ A “Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas” surgiu da terceira sessão plenária do Comitê do Congresso Mundial dos Partidários da Paz, em Estocolmo, Suécia, em março de 1950. No Brasil, foi divulgada e desenvolvida pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), seguindo a linha de luta pela paz do Partido Comunista da União Soviética e dirigida a todos os partidos comunistas. A campanha consistia no recolhimento de assinaturas, pelos militantes comunistas, através de inúmeros documentos dirigidos à opinião pública e aos governos, reivindicando a proibição da utilização das armas atômicas por qualquer país e a eliminação dos arsenais atômicos existentes até aquele momento. O objetivo dos comunistas brasileiros era coletar 4 milhões de assinaturas, em todo o Brasil, até 30 de setembro de 1950. As assinaturas seriam entregues no 2º Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz, realizado de 21 a 23 de outubro daquele ano, para posteriormente serem apresentadas no II Congresso Mundial da Paz, em novembro, na cidade de Sheffield, Inglaterra. Ver RIBEIRO, Jayme Fernandes. *Os Combatentes da Paz – a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950)*. Universidade Federal Fluminense (UFF), Dissertação de Mestrado, 2003.

tonelada a mais do que a de Hiroshima e apresentava uma outra novidade: era feita de plutônio, não de urânio, apresentando uma capacidade explosiva ainda maior, 20 quilotoneladas de TNT, contra 15, da de Hiroshima.

Desde o início da II Grande Guerra, desenvolviam-se, nos Estados Unidos e na Europa, pesquisas destinadas a descobrir uma bomba que se poderia obter a partir da fissão do átomo. Em 1942 foi implantado o Projeto Manhattan, no qual, cercados de sigilo, trabalharam diversos físicos domiciliados em território norte-americano. Três anos mais tarde, no dia 16 de julho de 1945, foi realizado com sucesso, no Deserto de Alamogordo, Estado do Novo México, o primeiro teste nuclear do mundo. Um ano antes da tragédia de Hiroshima e Nagasaki, Niels Bohr, um dos descobridores da física nuclear e Prêmio Nobel, escreveu que estava sendo criada uma arma de potência sem precedentes, que modificaria, completamente, as condições de todas as guerras. Advertiu ainda que, caso não se realizassem, de imediato, acordos para o controle do emprego dos novos materiais radioativos, qualquer vantagem temporária, por maior que fosse, poderia ser superada, constituindo uma ameaça permanente à civilização. Além disso, afirmava que, desde o início, o Projeto Manhattan mostrara-se incontrolável. Não muito depois de sua chegada aos Estados Unidos, Bohr começara a ficar apreensivo em relação às armas atômicas. Segundo Paul Strathern, “em 1944, escrevera a Roosevelt induzindo-o a partilhar o segredo da fissão nuclear com os aliados (inclusive os russos), de modo que se pudesse chegar a um acordo internacional sobre o controle dessas armas” (STRATHERN, 1998, p. 71-72).

Menos de um mês depois do teste nuclear de Alamogordo, em seis de agosto, por decisão do presidente Truman, realizou-se o bombardeio atômico de Hiroshima, que destruiu cerca de 60% da cidade e causou a morte de milhares de pessoas, deixando seqüelas até os dias atuais. Três dias após, um novo ataque atômico foi desferido contra a cidade de Nagasaki, causando, assim como no primeiro, a devastação da cidade, com milhares de mortos e centenas de feridos. A Segunda Grande Guerra deixava um saldo de 45 milhões de mortos, 35 milhões de feridos e 3 milhões de desaparecidos. Um custo total de 1 trilhão e 385 milhões de dólares, custo superior ao da Primeira Grande Guerra.

O mundo ficou assustado e perplexo com a novidade. A manchete do jornal *Asahi Shimbun*, no dia 8 de agosto, foi: “Hiroshima atingida por um novo tipo de bomba”. Ninguém sabia, ao certo, que bomba era aquela, que tipo de explosivo usava. Contudo, naquele momento, já sabiam o seu poder de destruição. Um dos cinco prédios que ainda permaneceram

de pé, após a explosão, foi o antigo edifício da prefeitura, destinado a exposições comerciais, chamado hoje de Domo de Hiroshima, ou Domo da Bomba Atômica. Todas as pessoas que estavam dentro morreram, mas o esqueleto do prédio se manteve, e resolveu-se preservá-lo tal qual ficou.

A bomba atômica em ação

Antes de relatar o que ocorreu nas cidades japonesas atingidas pelas bombas atômicas, é preciso realizar uma breve elucidação do que seria uma arma atômica e seu poder de destruição². Contrariamente às armas convencionais, baseadas nas reações químicas das substâncias explosivas, a explosão nuclear tem múltiplos efeitos. Entre eles, os seguintes: a) onda de choque (entre outras coisas, sobrepressão na frente da onda de choque); b) irradiação luminosa (calórica); c) radiação penetrante inicial (instantânea); e d) radiação radioativa residual³. Vale lembrar que os efeitos mais devastadores das bombas atômicas são aqueles causados pela sua explosão na atmosfera. Nos outros tipos de explosão, as correlações são diferentes. Na explosão terrestre, por exemplo, o efeito da radiação luminosa diminui 25%. A onda de choque, devido à pequena densidade do ar, não se produz de fato, razão pela qual quase toda a energia da explosão é consumida na radiação luminosa e na penetrante.

Logo em seguida à explosão nuclear, e em consequência da temperatura bastante elevada, surge um intenso clarão da aquecida e luzente zona de ar ionizado: a bola de fogo.⁴ Na décima-milésima parte de segundo em que se produziu, na atmosfera, a explosão de uma megatonelada, o clarão da bola de fogo a cem quilômetros de distância (caso a atmosfera esteja transparente) é 30 vezes superior ao do Sol ao meio-dia em zona tropical. A radiação da bola de fogo compreende as radiações no lado visível e no dos raios infravermelhos, que se propagam à

² As informações que se seguem, a respeito dos dados estatísticos sobre as bombas atômicas jogadas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, estão citadas em: “A review of 30 years study of Hiroshima and Nagasaki atomic bomb survivors”. J. Rad. Research, Suppl, 1975, v. 16. (The Japan Rad. Res. Society); CHAZOV, Evgueni, ILIN, Leonid e GUSKOVA, Anguelina. *Perigo: Guerra Nuclear – Uma Análise dos Médicos Soviéticos*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Estudos da Saúde (CEBES), 1984 e STRATHERN, Paul. Op. cit., 1998.

³ a) Onda de choque – a explosão do artefato provoca evidente diferença de pressão atmosférica, a qual, ocasionando brusco deslocamento de grande massa de ar, choca-se com tudo aquilo que se interponha em seu caminho; b) Irradiação luminosa – emissão de luz (que provocará intenso calor); c) Radiação penetrante inicial – formada principalmente de nêutrons e radiações gama; d) Radiação radioativa residual – formada pela transformação de vários elementos. In: CHAZOV, Evgueni, ILIN, Leonid e GUSKOVA, Anguelina. Op. cit., p. 36.

⁴ Idem. Antes da explosão, todo ar era formado de átomos e moléculas neutras; após a explosão, em certas reações ocorrerá modificação na neutralidade de seus constituintes, que se tornam ionizados (eletricamente carregados).

velocidade da luz. Por isso, a radiação luminosa atua sobre as pessoas e à sua volta antes da onda de choque. O efeito permanece durante todo o tempo do resplendor da bola de fogo, que dura vários segundos (calcula-se, por exemplo, que, se a explosão for de vinte quilotoneladas, na atmosfera, a radiação luminosa terá duração de cerca de três segundos, e que, se for de dez megatoneladas, a duração será de, aproximadamente, trinta segundos). A temperatura da radiação da zona luminosa chega entre 5700 e 8600 graus celsius.

Relatos de diversos sobreviventes comprovam a teoria⁵, como o depoimento de Toshio Fukada, que, em 1945, tinha 16 anos e trabalhava num centro de distribuição de munições do Exército, no bairro de Kasumicho. Assim como centenas de jovens, fora mobilizado pelo governo para o esforço de guerra. Ele estava conversando com amigos no pátio do Exército quando se deu o clarão. Disse Fukada, “foi como o flash de uma câmera. Uma luz alaranjada. Não ouvi o barulho”⁶. Logo após, veio uma rajada de vento e o arremessou para longe. Como estava distante do hipocentro, apenas parte do prédio fora destruído, conseguindo, então, salvar-se. Outro caso bastante significativo é o de Tsuyo Kataoka, uma moça, na época da explosão. Ela revela que ouviu barulho de avião e pensou: “estranho, não houve alarme”⁷. Durante a guerra, muitas cidades japonesas viviam sob intenso bombardeio. Sempre, quando passavam aviões no céu, o alarme era acionado e as pessoas fugiam para os abrigos antiaéreos. Quando Tsuyo olhou para o alto, viu o clarão. Foi como “uma bofetada de luz”⁸, disse. Após o clarão, desmaiou, não se sabe por quanto tempo, e, ao acordar, percebeu que estava sob os escombros da fábrica onde trabalhava, a mil e quatrocentos metros do hipocentro.

A onda de choque aérea forma-se devido à rápida expansão dos gases da bola de fogo e à transmissão dessa energia ao ar circulante. No momento em que se forma a onda de choque, em torno do epicentro da explosão, a velocidade de sua propagação é mais de duas vezes superior à velocidade do som. As radiações ionizantes são próprias das explosões nucleares e bastante prejudiciais ao ser humano. O efeito seguinte da arma nuclear é o da radioatividade residual. No fundamental, é radiação radioativa dos produtos de fissão dos núcleos pesados, os quais, caindo da nuvem de explosão na superfície terrestre em forma de precipitações, constituem as fontes de irradiação dos seres humanos, da fauna e da flora.

⁵ Entrevista realizada por Roberto Pompeu de Toledo, a respeito dos sobreviventes das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, publicada em *Veja* – Ed. Especial, 1995. Em referência ao cinquentenário do episódio.

⁶ Revista *Veja* – Ed. Especial, 1995, p. 64.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

Uma parte do que se sabe, hoje em dia, sobre os efeitos da bomba atômica não vem dos laboratórios, onde são realizados testes com radioatividade. Mas, sim, daqueles que conseguiram sobreviver aos horrores de Hiroshima e Nagasaki. Os *hibakushas* – palavra japonesa que significa “expostos à bomba” ou “filhos da bomba” – conheceram de perto, ou dizendo da maneira correta, de baixo, as terríveis conseqüências de uma guerra nuclear. Do que entrou para o senso comum da história, a imagem da explosão da bomba atômica como um cogumelo gigante de fumaça, os *hibakushas* têm uma outra versão. Como eles dizem, a bomba atômica vista de baixo não é o cogumelo de fumaça, é o clarão.

Os efeitos da bomba atômica são inúmeros. Além de milhares de mortos e devastação da cidade onde for jogada a bomba, há também a ocorrência de lesões traumáticas graves (feridas, fraturas, síndrome de compreensão etc.), queimaduras de primeiro, segundo e terceiro graus pelo corpo, queimadura dos órgãos da retina, conseqüências radiológicas (síndrome de radiação, alterações genéticas, tumores cancerosos etc.). São considerados efeitos indiretos para as pessoas aqueles que se deveram à destruição, ou profunda deterioração, da base material e técnica, ao descenso da economia e à deterioração de todos os níveis de vida social. É preciso destacar, ainda, a fome e surtos epidêmicos de determinadas doenças (tuberculose, disenteria, hepatite etc.), surgimento de numerosas doenças de alterações psíquicas e psicossomáticas. Inúmeras lesões de pessoas, animais e vegetais são também constatadas, devido ao aumento crescente e duradouro do fluxo de radiação ultravioleta solar, na superfície da Terra, por força de modificação da camada de ozônio atmosférico pela ação de óxidos de nitrogênio que se formam durante as explosões nucleares. Mudanças de clima também podem ser verificadas como resultado das oscilações ou das mutações dos regimes de temperatura nas diferentes regiões do planeta.

As conseqüências imediatas manifestam-se, o mais tardar, nos vinte e quatro primeiros meses que se seguem ao ataque nuclear. As conseqüências tardias aparecem após muitos meses e até anos. Quanto aos efeitos genéticos, que estão situados na esfera das conseqüências tardias, apresentam-se durante dezenas de anos em gerações sucessivas, nos descendentes das pessoas que ficaram expostas à irradiação. Nos casos de Hiroshima e Nagasaki, é visível, ainda nos dias atuais, um certo tipo de preconceito sobre aqueles que foram expostos à bomba. Os *Hibakushas* revelam que, no Japão, no período da reconstrução das cidades, encontravam dificuldades para arrumar emprego, casamento, casar os próprios filhos etc. Em ambas as cidades, mesmo anos

depois da explosão, apareciam pessoas com catarata, leucemia ou algum tipo de câncer. Ainda hoje, há casos de pressão alta, câncer, problemas hepáticos, cardíacos e diabetes relacionados aos efeitos radiológicos da bomba atômica. Como relata o presidente da Associação dos Hibakushas do Brasil, Takashi Morita, o preconceito contra os sobreviventes e seus descendentes ainda existe. Segundo Morita, muitos *hibakushas* não assumem sua condição,

temem ser discriminados. No emprego, por exemplo, podem ser preteridos por constituir-se em pessoas supostamente frágeis, mais sujeitas a doenças. (...) O resultado é que muita gente prefere que seu filho ou filha não venha a se casar com o filho ou filha de um hibakusha⁹.

Há hibakushas que só assumem sua condição depois de casar os filhos, e alguns, mais seguros ainda, que só se admitem depois de casar seus netos. Foi o caso do próprio Morita, que, morando no Brasil desde 1956, só se assumiu depois de casar os filhos.

Os efeitos das bombas atômicas sobre as cidades japonesas e suas populações foram aterrorizantes. Em Hiroshima, situada em uma planície, os efeitos foram mais devastadores. Num raio de dois quilômetros, em relação ao epicentro da explosão, encontravam-se 60% da população e a parte mais importante dos edifícios da administração e casas de moradia. Já a cidade de Nagasaki localizava-se em terreno acidentado, cheio de colinas, razão pela qual uma quarta parte da população estava defendida, em certa medida, do clarão luminoso e da radiação. Nessas cidades, pereceu metade dos habitantes que se encontrava num raio de dois quilômetros em torno do epicentro da explosão nuclear. Em consonância com seus três tipos principais de efeitos, as explosões causaram às pessoas diversas lesões (queimaduras, lesões traumáticas e radiotoxemia e suas complicações). Queimaduras por radiação luminosa sofrida principalmente pelos que não estavam protegidos. Sua frequência na zona até quatro quilômetros do epicentro foi de 89,9% para Hiroshima e de 73,8% para Nagasaki. Dentre as pessoas que se encontravam a menos de cinco quilômetros do epicentro da explosão, foram vítimas de lesões de caráter mecânico (ondas de choque e fragmentos de edifícios destruídos, casas etc.) cerca de 82,8%, em Hiroshima, e, em torno de 71,6%, em Nagasaki. Nesse caso, há, ainda hoje, pessoas que possuem pedaços de vidro em seus corpos. Como relata Tsukasa Uchida, que era apenas um garoto de quinze anos, que fora mobilizado para o esforço de guerra a trabalhar na fábrica de

⁹ Idem.

armas da Mitsubishi. Em seu depoimento, afirma “ter ainda muito estilhaço de vidro alojado na cabeça, apesar das várias operações a que se submeteu”.¹⁰

Quanto à radiação calórica, provocada pela bola de fogo, atingiu a seis quilômetros de distância. Quando não se morria ou ficava ferido pela exposição direta ao calor produzido pela bomba, podia-se morrer ou ficar ferido pelos incêndios que rapidamente tomaram conta de Hiroshima, e, três dias depois, de Nagasaki. O calor e o fogo foram a primeira causa da destruição, provocando ferimentos e mortes. A segunda foi o impacto da explosão. Ao clarão seguiu-se um deslocamento de ar de proporções inigualáveis. Segundo o físico japonês Naomi Shohnho, a furiosa rajada “viajou 740 metros no segundo posterior à explosão”.¹¹ Ela fez quatro quilômetros em dez segundos, e onze quilômetros em trinta segundos. Merece relatar que a exposição direta ao gigantesco deslocamento de ar poderia, até mesmo, deslocar os membros das pessoas. São numerosos os depoimentos em que aparecem pessoas sem algum pedaço do corpo, ou cujos olhos estavam saltados, ou ainda cujas vísceras estavam expostas. Alguns *hibakushas* relatam o que presenciaram: “Vi uma menina de uns quatro anos com a barriga e os intestinos pendurados para fora; Vi uma jovem mãe carregando uma jovem nas costas, e essa criança estava sem cabeça”¹².

A magnitude das destruições e o número elevado de vítimas da explosão de apenas uma bomba atômica, em cada cidade japonesa, verdadeiramente, aterrorizaram a todos, até mesmo aqueles que tinham vivido as calamidades da guerra anteriormente. A trágica situação dos feridos e a destruição das cidades atingidas pelo bombardeio nuclear superaram, grandemente, o imaginário daqueles que sobreviveram à catástrofe, e daqueles que simplesmente tiveram notícias.

Os comunistas contra a bomba atômica

Como foi possível verificar, os comunistas tinham com o que se preocupar. O que eles denunciavam não eram inverdades, nem fantasias tiradas de suas imaginações. Mas, sim, um fato ocorrido num determinado período da história, que ainda está marcado na memória de milhões de pessoas em todo o mundo.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

No Brasil, os revolucionários eram orientados sobre a política “pacifista” da URSS. Diversos “comitês pela paz” foram criados em cidades, bairros, empresas etc. Salvo algumas exceções, eram em sua maioria constituídos por comunistas e simpatizantes.

Os comunistas, dedicados à campanha, faziam comícios, organizavam comitês, elaboravam “comandos” (grupos de pessoas destinadas a colher assinaturas para o *Apelo de Estocolmo* – assim também era chamada a “Campanha Pela Proibição da Armas Atômicas”) para serem distribuídos a todas as pessoas que pudessem fazer assinar. A tarefa central era a coleta de assinaturas. Os militantes deveriam dedicar-se ao máximo para que o objetivo da campanha fosse conquistado. O sucesso da campanha, relatava a imprensa comunista, não residia, simplesmente, na coleta de assinaturas, mas num bem maior e mais glorioso. A paz para o mundo e a salvação da humanidade eram as verdadeiras conquistas dos “combatentes da paz”. Dessa maneira, a imprensa comunista incentivava seus leitores e, principalmente, militantes, na busca, cada vez maior, de assinaturas para a campanha. Os jornais comunistas incentivavam e relatavam a adesão, sempre maior, de pessoas que assinavam o apelo e apoiavam a campanha.

As mulheres eram incentivadas a participar, a organizarem-se em associações femininas, a realizarem palestras, “comícios-relâmpago” etc. Acreditavam os comunistas que a participação das mulheres era indispensável. Havia, até mesmo, modelos do “Apelo de Estocolmo”, criados pela imprensa comunista, no intuito de serem recortados do jornal para que as pessoas pudessem assinar, quer sejam parentes, quer sejam amigos ou colegas de trabalho. Um desses modelos era destinado, em particular, às mulheres:

VOCÊ

QUE NÃO QUER QUE SEU FILHO MORRA NA GUERRA

QUE NÃO QUER PERDER SEU NOIVO

QUE AMA SEU MARIDO E DESEJA QUE ELE VIVA AO LADO DE SEUS FILHOS

assine e mande para nossa Redação este apelo em favor da defesa da Paz entre os povos:

EXIGIMOS a proibição absoluta da arma atômica, arma execrável e de extermínio em massa de populações.

EXIGIMOS o estabelecimento de um controle internacional para assegurar a aplicação desta medida.

CONSIDERAMOS que o governo que utilizar contra qualquer outro país a arma atômica cometerá um crime contra a humanidade e será tratado como criminoso de guerra.

(ass.).....

Tire cópias desta importante resolução do Comitê Mundial dos Partidários da Paz e com ela consiga o maior número possível de assinaturas, enviando-nos em seguida.¹³

Luiz Carlos Prestes, em seu “Manifesto de Agosto”, fazia um apelo especial às mulheres. Acreditando em sua força e coragem, dizia:

MULHERES DO BRASIL! Sois as primeiras e as maiores vítimas da guerra e do terror fascista. Operárias e camponesas, donas de casa, mães e esposa Sois vós que primeiro sentis as agruras produzidas pela fome em vossos lares. Com vossa tradicional coragem e decisão impedi o crime de mais uma guerra imperialista!¹⁴

Desse modo, fica evidente a tentativa de se acreditar numa sensibilidade feminina, num suposto instinto materno, que auxiliasse na adesão à campanha. Invocando valores humanitários, maternos, de amor e de amizade, procuravam alcançar suas cotas de assinaturas e angariar mais partidários da paz. É interessante notar a maneira como os comunistas, através da imprensa, formulavam seus “apelos”. Não permitiam muitas alternativas para quem os lesse, senão, pelo menos, assinar. Um outro exemplo dessa medida podia ser encontrado no jornal *Voz Operária*, de 24 de abril de 1950, que dizia:

Você é Contra Este Crime?
 UMA ÚNICA BOMBA ATÔMICA JOGADA SOBRE A CIDADE JAPONESA DE HIROSHIMA MATOU 200 MIL PESSOAS – HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS, INDISCRIMINADAMENTE – UMA POPULAÇÃO DE 400 MIL HABITANTES.
 Você deseja que outras cidades, e, quem sabe, sua própria cidade com seu lar, seus entes queridos, seus amigos tenham o mesmo trágico destino de Hiroshima?
 NÃO! Você, se é um ser humano, não deseja que se repita este crime contra qualquer cidade ou população.
 Então, recorte e assine este apelo dos Partidários da Paz, ou tire uma cópia dele e faça seus amigos e companheiros de trabalho assiná-lo e depois remeta-o à nossa redação - AV. Rio Branco, 257, sala 1711 - Rio, D. F. - que o encaminharemos à Organização Brasileira de Defesa da Paz¹⁵.

Com isso, os combatentes da paz foram conseguindo um número cada vez maior de assinaturas logo nos primeiros meses da campanha. Alguns dados, relatados na imprensa comunista, demonstravam o sucesso da campanha. Em uma manchete, lia-se que “todos os

¹³ *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 1 de abril de 1950, p. 4.

¹⁴ *Idem*, 5 de agosto de 1950, p. 1,2 e 4.

¹⁵ *Idem*, 24 de abril de 1950, p. 8.

operários de uma fábrica exigiam a proibição da bomba atômica”¹⁶. O exemplo vinha de Santo André, em São Paulo, onde os operários da indústria metalúrgica Nizan assinaram o “Apelo de Estocolmo”. Continuou o jornal, dizendo que

os operários dessa fábrica, unanimemente, assinaram o apelo em que milhões de homens, mulheres, jovens e crianças do mundo inteiro estão exigindo a proibição da arma atômica, arma terrorista de destruição de vidas humanas, de eliminação de populações pacíficas¹⁷.

Em outra manchete, referente à vila Calumbi de Flores, em Pernambuco, podia ser lido: “todos os habitantes, sem exceção, assinaram o Apelo de Estocolmo exigindo a interdição da mais hedionda arma que ameaça a humanidade”¹⁸.

Nessa medida, é possível perceber a adesão de um número crescente de pessoas que assinavam o “Apelo de Estocolmo” e garantiam o êxito da “Campanha pela Proibição das Armas Atômicas”. Entretanto, é de causar uma certa estranheza a adesão unânime de todos os habitantes de uma vila, “sem exceção”. Deve-se lembrar que um dos objetivos dos artigos era tensionar os militantes. Essa notícia, em particular, revela que, se algo tão improvável, como o artigo propunha, fora conseguido pela militância pernambucana, em outras regiões esse fato também seria possível. Outra questão a ser considerada diz respeito às regiões Norte e Nordeste do país que apresentavam, naquele período, um elevado número de analfabetos. Assim, é, de certa forma, impressionante que todos os habitantes de uma vila tenham assinado o “Apelo de Estocolmo”.

É preciso ressaltar que o êxito da campanha, no entender dos dirigentes comunistas, dependia do sucesso da militância. Com isso, a direção partidária eximia-se de um possível fracasso na obtenção das quotas. Todavia, se os quatro milhões de assinaturas fossem obtidos, a vitória seria do partido, pois seria sob sua liderança que os militantes poderiam alcançar os objetivos. Isso fazia parte do que Reis Filho chamou de “*complexo da dívida*”. Nesse contexto,

¹⁶ Idem, 10 de junho de 1950, p. 04.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem, 01 de junho de 1950, p. 04. Consultando o IBGE, verifica-se que a Vila Calumbi, localizada no município de Flores, pertence à zona do sertão alto, de Pernambuco. Em divisões territoriais datadas de 31/12/1936 e 31/12/1937, figurava no município de Flores o distrito de São Serafim. Todavia, pelo decreto-lei estadual nº 92, de 31/03/1938, o distrito de São Serafim passou a denominar Calumbi. Em divisão territorial datada de 01/07/1960, o distrito Calumbi permaneceu no município de Flores. Contudo, em 20/12/1963, foi elevado à categoria de município, pela lei estadual nº 4938, sendo desmembrado de Flores, sede no antigo distrito de Calumbi. O censo de 1950, referindo-se a população presente, revela que em Calumbi havia 3.875 habitantes. Já o município de Flores contava com 39.548 habitantes.

o Partido é a encarnação de uma *vontade coletiva*, politicamente organizada, detentor de um saber maior, porque científico e social. Ao ingressar no Partido, integrando-se e fazendo parte de uma vontade coletiva, o militante assumirá, por um lado, sensações e noções de superioridade. Portanto, distingue-se das pessoas comuns. Possui um *saber* especial – o marxismo-leninismo – e um *poder*, que daí decorre, sobre elas e os acontecimentos. Por outro lado, afirma o historiador,

o militante sabe – mais ou menos conscientemente (e o Partido o lembrará freqüentemente) – que sua superioridade é relativa, porque deriva, única e exclusivamente, do Partido. O saber e o poder de cada militante são dádivas do Partido e da vida partidária. Por maiores que sejam suas capacidades, o militante nunca deverá esquecer duas coisas: suas prerrogativas e conhecimentos jamais se igualarão às prerrogativas e conhecimentos do partido e, em segundo lugar, foi sua inserção no Partido que tornou possível adquirir o que possui (REIS FILHO, 1989, p. 124).

É importante perceber, nesse momento, a compreensão de uma inferioridade que vai marcar o militante, em relação ao partido, por toda sua vida partidária. A figura do *débito*, pode-se dizer, sempre estruturou a prática social dos comunistas. “Incorrendo em erros, terá faltado ao Partido, deverá acerto de contas, autocríticas. Nas vitórias, não terá senão cumprido o dever revolucionário e aplicado a linha do Partido” (REIS FILHO, Op. cit.). Com isso, os militantes deveriam superar todas as dificuldades, transpor todos os obstáculos e honrar a *dádiva* que lhes fora concedida. Attingir suas quotas de assinaturas em prol da campanha contra as armas atômicas era, naquele momento, a maneira de honrar parte de sua *dívida* para com o partido.

Não obstante, é preciso ressaltar uma questão. Os comunistas eram o segmento político mais organizado no interior do movimento sindical. Pode-se observar, através de uma série de estudos já produzidos sobre o tema, que, desde antes do Estado Novo, os comunistas desenvolviam um trabalho incansável de inserção, mobilização e organização dos sindicatos. Esse enraizamento no interior dos movimentos sociais, como revela Hélio da Costa, “traduziu-se numa prática que referendava o caráter de liderança exercido por muitos ativistas comunistas nas ações grevistas por um lado, e por outro sinalizava futuras divergências com os dirigentes do partido” (1995, p. 28). De fato, como as fontes podem demonstrar, havia militantes de base e, até mesmo, dirigentes que não concordavam com algumas posições defendidas pela direção do partido. Questionavam, criticavam e/ou simplesmente não cumpriam as determinações oriundas da cúpula partidária. Eloy Martins, um líder metalúrgico de Porto Alegre, comenta a sua

incompreensão com a política conciliadora do partido, à época da “União Nacional”¹⁹: “não podia entrar na minha cabeça o apoio irrestrito a Vargas e posteriormente à política de 'apertar o cinto' para evitar greves” (1989, p. 77). Do mesmo modo, Eduardo Dias relata sua experiência com o que chamou de “posição negativa em relação à greve”. Para ele, “a tal palavra de ordem de *apertar o cinto* e outras tantas” não passavam de “incoerências” (1983, p. 58).

Esses relatos permitem refletir sobre o impacto de uma política da direção do partido contrária aos movimentos das classes trabalhadoras. Muitos militantes realmente não sabiam o que fazer. Ou melhor, sabiam que deveriam cumprir as orientações de sua direção, mas alguns se recusaram a levar adiante tal proposta. Foi o caso de Hércules Corrêa. De acordo com o militante, “nós que trabalhávamos nos sindicatos, no dia-a-dia e na prática, estávamos cada vez mais distantes do pensamento da direção. E aqui é preciso deixar uma coisa bem clara: o PCB não era, nunca foi, apenas a sua direção” (2005, p. 81).

Assim, é possível perceber que, quando as diretrizes da direção do partido não encontravam terreno fértil junto aos militantes de base, a realidade vivenciada pelo militante fazia-o rever suas posições e, com isso, refletir e interpretar as orientações da direção. Isso fica evidente quando se faz a análise comparativa do número de “Comitês Pró-Paz”, criados em 1950, em relação ao número de “Comitês” da “Frente Democrática de Libertação Nacional”²⁰, criados no mesmo ano. Havia centenas de comitês referentes às “Campanhas pela Paz”, enquanto que as fontes demonstram, para os comitês da FDLN, pouco mais de uma dezena (RIBEIRO, 2008).

Nesse sentido, não se pode perceber a estrutura organizativa do PCB com os seus militantes apenas como uma relação de força-coação. Em inúmeros casos, muitos militantes contestaram as ordens oriundas do núcleo dirigente e tomaram ações práticas que acreditavam ser mais condizentes com a realidade que vivenciavam.

¹⁹ Em agosto de 1943, o PCB realizou sua II Conferência Nacional, conhecida como “Conferência da Mantiqueira”. Naquele encontro, o partido formalizou sua nova linha política. Nela, ficava estabelecido que todos os brasileiros deveriam cerrar fileiras ao lado do governo Vargas para derrotar o nazi-fascismo. Os comunistas, então, deveriam dar apoio incondicional à política de guerra travada pelo governo e lutar pela anistia, pela normalização institucional do país e pela legalização do PCB. Além disso, a direção do PCB traçava uma linha política de não enfrentamento com o governo e, ainda, no que concerne à realização de greves, conclamava os trabalhadores a evitarem-na e a “apertarem os cintos”. A nova orientação política do partido ficou conhecida por “União Nacional”.

²⁰ A Frente Democrática de Libertação Nacional (FDLN) foi a política do PCB para organizar uma ampla frente democrática, inserida na linha política do Manifesto de Agosto (1950-1958), cujo objetivo era organizar a sociedade para lutar pela “libertação do país do jugo imperialista”, por intermédio da luta armada.

Não obstante, se, por um lado, havia resistência por parte da militância em relação à orientação revolucionária advinda do *Manifesto de Agosto*, por outro, a “Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas” deveria ser levada adiante.

No decorrer das campanhas em favor da paz, principalmente a campanha contra a bomba atômica, de posse de dados científicos, relatos da imprensa nacional e internacional, depoimento de sobreviventes etc., os militantes comunistas, através dos “comandos”, dos comícios-relâmpagos, palestras, dos panfletos que quotidianamente distribuía pelas ruas das cidades e, sobretudo, de sua imprensa, procuravam alertar e esclarecer as pessoas sobre o que era a bomba atômica, seus efeitos e as conseqüências de uma guerra utilizando energia de tal tipo.

Em um panfleto intitulado “JÁ PENSOU BEM O QUE SIGNIFICA UMA GUERRA ATÔMICA? ENTÃO MEDITE NO SEGUINTE:”²¹, os comunistas procuravam esclarecer o poder de destruição de uma bomba nuclear e, comparando com cidades brasileiras, almejaram dar a melhor explicação, ao mesmo tempo em que aproximava para o Brasil a realidade das cidades japonesas atingidas. Segundo o panfleto, “uma só bomba atômica, a que foi lançada sobre a cidade de Hiroshima no Japão, matou 80 mil pessoas (número equivalente a toda a população de Maceió, capital de Alagoas) e estropiou mais de 200 mil pessoas (número equivalente a toda a população de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais)”²².

Os panfletos eram bastante simples e didáticos, baseados, em grande parte, num processo de perguntas e respostas. O objetivo era o de explicar, de maneira direta, os enormes danos causados pela bomba atômica e suas radiações, além de causar grande impacto nos leitores. Um grande número de panfletos retratavam os efeitos destruidores das bombas atômicas jogadas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki. Em sua maioria, como já demonstrado, também comparavam seus terríveis efeitos sobre cidades brasileiras, fábricas, praças etc., caso houvesse uma guerra atômica e fossem lançadas bombas sobre esses lugares. Num dos panfletos, questionava-se, em letras garrafais, o que aconteceria se fosse jogada uma bomba atômica sobre uma indústria. Imediatamente após, respondia o panfleto:

Se uma bomba atômica cair sobre a fábrica Goodyear, tudo que estiver a 200 metros desse ponto será arrasado e dissolvido pelo calor. A destruição será maciça até 1.600 metros desse mesmo ponto; e até 4.800 metros de distância do ponto onde cair a

²¹ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Departamento de Política Social (DPS), Panfleto 717, ano de 1950.

²² Idem.

bomba produzir-se-á um tal aquecimento que se registrarão incêndios em massa; além disso, os efeitos da radiação ou matarão imediatamente as pessoas que estiverem nessa área ou atingirão os centros vitais de uma grande maioria, vindo a causar-lhe a morte mais tarde²³.

Concluía o panfleto, revelando os bairros e as outras fábricas que poderiam ser atingidas pelos efeitos da bomba atômica. Terminava dizendo que onde havia, naquele momento, “produção e vida seria o reino da destruição e da morte”.

Na verdade, o que faziam os comunistas, em suas comparações com cidades brasileiras, era mostrar o que havia acontecido nas cidades de Hiroshima e Nagasaki. Com isso, eles chegavam à conclusão de que, numa nova guerra mundial, as principais vítimas seriam as “populações pacíficas” das grandes cidades. Para tanto, diziam os comunistas, os objetivos dos provocadores de um novo conflito internacional – Estados Unidos e seus aliados – eram claros: “eliminar vidas humanas.”

Dessa forma, os comunistas elegiam a bomba nuclear e seus efeitos devastadores como elementos de mobilização contra uma nova guerra mundial. Os combatentes da paz esforçavam-se para convencer o conjunto da sociedade sobre os horrores de um conflito atômico. Nessa medida, procuravam coletar o maior número de assinaturas possível para o “Apelo de Estocolmo”.

Havia, também, diversos outros recursos utilizados pelos comunistas para angariar mais assinaturas e conquistar mais simpatizantes à sua causa. Dramatizações sobre os efeitos “monstruosos” da bomba atômica eram feitas com a intenção de alertar a sociedade acerca dos enormes danos causados por sua ação. “Comandos” de casa em casa, jornais-murais, enterros simbólicos, comícios-relâmpago, passeatas, distribuição de panfletos, dramatizações, divulgação, propaganda através da sua imprensa etc. eram constantemente utilizados pelos comunistas como estratégias para conquistarem seu objetivo: coletar as quatro milhões de assinaturas em favor do “Apelo de Estocolmo”.

Merece destacar que os jornais da grande imprensa não explicavam o que era a bomba atômica e seus efeitos. Na imprensa não comunista de referência o assunto das armas atômicas aparecia poucas vezes. Quando surgia, estava sempre relacionado à necessidade de sua utilização para conter a “ameaça comunista”, como é possível verificar na manchete do periódico *O Jornal*, em letras garrafais, do dia dezessete de março de 1950: “IMPOSSÍVEL A

²³ Arquivo Nacional. MJ/Segurança Nacional. Panfletos Ij 1325, ano de 1950.

DEFESA DA EUROPA”.²⁴ No artigo, o ex-primeiro-ministro britânico Churchill advertia sobre o “perigo crescente de uma agressão russa” e conclamava uma ação decidida do governo inglês para impedir os horrores de uma nova conflagração internacional. O dirigente conservador dizia, no Parlamento, que, sem a ajuda efetiva da Alemanha Ocidental, não se poderia defender com êxito a Europa Ocidental de uma possível invasão russa. Suas declarações causavam polêmica no cenário internacional, já que estava falando de uma Alemanha que havia posto o mundo em uma guerra catastrófica e dispendiosa para o povo europeu. Contudo, o temor de uma invasão, por parte da União Soviética, era maior que o do rearmamento alemão e, como ele, havia muitos que apostavam nessa idéia. Em outras palavras, não apenas para Churchill, mas para a grande maioria dos parlamentares europeus ocidentais, o medo de uma invasão soviética, junto com seus países “satélites”, povoava o imaginário daqueles que pretendiam manter relações político-econômicas com os Estados Unidos ou estavam sob sua área de influência. Vale lembrar, entretanto, que o crescimento dos partidos comunistas, em todo o mundo, e suas vitórias nas eleições parlamentares de diversos países contribuíam, em grande medida, para a confirmação e a reprodução daquele imaginário. Segundo Winston Churchill,

a decisão de estabelecer uma frente na Europa contra uma possível invasão russa e de seus Estados satélites é de suma gravidade para nós e também imperiosa. Acredito necessário dizer, falando pessoalmente e expressando opinião própria, que esta longa frente não poderá ser defendida com êxito sem a ajuda ativa da Alemanha Ocidental. (...) Não podemos assegurar aos alemães que seu território não será invadido pelos russos ou seus satélites. A poderosa massa do exército russo e seus satélites ameaça o povo alemão como uma nuvem ominosa e os aliados não podem dar-lhe proteção²⁵.

Sempre com um tom alarmante, o ex-primeiro-ministro britânico fazia questão de enfatizar o avanço comunista pelo mundo, a possibilidade real de uma terceira guerra mundial desencadeada pela União Soviética. Se nenhuma ação prática fosse decidida a curto prazo, se nenhum acordo de paz fosse eficazmente realizado ou se a Alemanha Ocidental não fosse tão logo remilitarizada, o mundo inteiro reviveria os reveses de uma guerra mundial, no entanto de proporções incalculáveis. A esse respeito Churchill prevenia: “neste terreno da bomba atômica a

²⁴ *O Jornal*. Rio de Janeiro, 17 de março de 1950, p. 6.

²⁵ *Idem*.

nossa situação piorou desde a terminação da guerra, isto porque os russos obtiveram o segredo da bomba atômica e, diz-se, começaram sua produção”²⁶.

No mês seguinte à eclosão do conflito coreano, *O Jornal*, de julho de 1950, publicava uma declaração do presidente norte-americano Harry Truman a jornalistas de seu país afirmando que, naquele momento, não pensava em utilizar a bomba atômica contra os comunistas da Coreia do Norte. Contudo, em palestra ao mesmo jornal, um correspondente recordou ao presidente que “ele declarou várias vezes em público que não vacilaria em utilizar a bomba atômica em caso de agressão”²⁷.

Em outro momento, era publicado pelo mesmo periódico, com letras garrafais, em manchete na primeira página, a seguinte frase: “USAR BOMBA ATÔMICA NA LUTA ASIÁTICA”.²⁸ Inaugurando o artigo com essa manchete, o jornal descrevia a necessidade prática da utilização do arsenal atômico dos países ocidentais contra o governo da Coreia do Norte.

Dessa maneira, é possível perceber que a preocupação dos comunistas brasileiros com um novo conflito mundial e, naquele momento, com a utilização de armas nucleares, não era infundada, nem fantástica. O receio de que ocorresse realmente o que os jornais da grande imprensa divulgavam contribuía para aumentar os temores dos militantes comunistas, como também de toda uma população que viveu aqueles momentos decisivos da Guerra Fria. Vale lembrar que o imaginário de uma guerra nuclear, devastando o mundo inteiro, perpassava a mente das pessoas que, atemorizadas com tal possibilidade, ajudavam na divulgação e mesmo na amplificação do fato. Nos Estados Unidos, principalmente, pessoas construía abrigos nucleares próximos a suas casas. Simulações de um bombardeio atômico eram feitas, pondo os cidadãos em treinamento para o caso de um ataque de fato. Crianças eram, da mesma forma, ensinadas nas escolas sobre qual o procedimento correto a tomar em caso de guerra nuclear. Toques de alarmes eram soados para dar início ao treinamento. Nesse sentido, os comunistas fizeram um importante trabalho de esclarecimento à população de uma arma que, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, mudaria o rumo das relações internacionais e poria o mundo em constante alerta.

²⁶ Idem.

²⁷ *O Jornal*. Rio de Janeiro, 28 de julho de 1950, p. 1.

²⁸ Idem. 9 de julho de 1950, p. 1.

De acordo com a análise das fontes, é possível perceber o esforço dos comunistas na disputa pela memória dos episódios ocorridos em Hiroshima e Nagasaki.

Segundo Pierre Nora, memória coletiva “é a recordação ou o conjunto de recordações, conscientes ou não, de uma experiência vivida e/ou mitificada por uma coletividade viva de cuja identidade faz parte integrante o sentimento do passado” (NORA, 1990, p. 451). Dessa forma, a memória é um ato do presente, é um pensar do presente sobre o passado. Seguindo a linha de análise, nas palavras de Jacques Le Goff, o fato histórico “não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador” (LE GOFF, 2003, p. 9). Assim, de acordo com essa base teórica, a memória é construída historicamente. Desse modo, podemos pensar em construção da memória sobre o fato histórico, no caso, as bombas atômicas jogadas sobre as cidades japonesas.

Para os Estados Unidos, conforme foi divulgados oficialmente em seus informes, boletins e documentos nacionais e internacionais, as bombas atômicas foram jogadas para impedir milhares de mortes que ocorreriam caso a guerra fosse prolongada. Por outro lado, para os comunistas, o lançamento das bombas foi um ato de crueldade e de prova do caráter guerreiro dos EUA em causar uma hecatombe mundial, pois milhares de inocentes (mulheres, crianças, idosos, enfim, civis) morreram devido ao ataque.

Além disso – e não menos importante –, os comunistas resgatavam os fatos históricos e sua memória, denunciando os EUA e apresentando-os como os verdadeiros causadores de uma nova guerra mundial, como os destruidores de vidas humanas. Por outro lado, os comunistas construíam sua imagem de pacifistas, como os verdadeiros defensores da humanidade, já que afirmavam ser os legítimos propugnadores de leis que pusessem fim aos arsenais atômicos e proibissem sua utilização em quaisquer guerras.

De acordo com Nora e Le Goff, a memória de um grupo social está associada, é construção de sua identidade e é essa busca da identidade no passado que faz um determinado grupo social produzir sua memória. Dessa forma, a partir da Guerra Fria, os comunistas procuraram reconstruir sua identidade acrescentando a ela um novo elemento: o de pacifista. A partir daquele momento, ocorreu a construção, também, de um novo mito: o mito do pacifismo soviético.

Destarte, a memória pode ser entendida como objeto do conhecimento, tendo como uma de suas principais funções a de contribuir para o entendimento de sua própria construção e

de sua representação no momento presente. Não se pode esquecer, ainda, que a constituição de uma memória está intimamente relacionada às transformações que o presente lhe confere na reelaboração do passado. Dessa maneira, pode-se dizer que, no caso dos comunistas, em relação às bombas atômicas jogadas sobre Hiroshima e Nagasaki, utilizavam-se da memória desses fatos históricos para construir um discurso pacifista para o campo soviético, enquanto atribuía aos EUA uma memória de belicosos, guerreiros e destruidores de vidas humanas.

Considerações finais

É possível verificar, na análise das fontes, uma espécie de pedagogia militante, na qual os dirigentes comunistas, através da imprensa, mas não apenas, auxiliavam a militância de base no modo de proceder, na intenção de conquistar mais assinaturas. Direccionavam ações práticas para os militantes e exigiam êxito no seu cumprimento. Como destaca Reis Filho, “a dinâmica das organizações comunistas é marcada por uma extensa gama de atividades – ou tarefas. ‘Internas’ – realizadas para atender a imperativos da própria vida orgânica — e ‘externas’, referentes à sociedade envolvente” (REIS FILHO, Op. cit., p. 127).

Os jornais comunistas mostravam-se de extrema importância no que concerne ao ensino das *tarefas*. Apresentavam, através de exemplos, de maneira simples e didática, como os militantes deveriam agir em determinadas situações, como deveriam fazer para conseguir que diferentes segmentos sociais assinassem os apelos de luta pela paz, como abordar um trabalhador sem ser inconveniente, como esclarecer sem confundir, como convencer sem titubear. Enfim, explicitavam as melhores formas e condições para pedir aos operários, mulheres, jovens etc. que assinassem os apelos dos partidários da paz.

Os comunistas brasileiros souberam se utilizar dos relatos de sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki a fim de conseguirem conquistar sua cota de assinaturas na campanha pela proibição das armas atômicas. Além disso, fizeram um importante trabalho de esclarecimento à população sobre as conseqüências, para a humanidade, da utilização da energia nuclear em conflitos armados. Importa ressaltar que os jornais da grande imprensa não explicavam o que era a bomba atômica e seus efeitos catastróficos. Foi especialmente através de seus “comícios-relâmpagos”, “comandos”, palestras, enterros simbólicos, panfletos, e, principalmente, por intermédio de sua imprensa, que a população, de uma maneira geral, ficou

sabendo sobre os efeitos da radiação causados por explosões atômicas e sobre as consequências de uma guerra nuclear.

Os episódios de Hiroshima e Nagasaki, a partir do final da Segunda Guerra e ao longo dos anos da Guerra Fria, foram constantemente alvos de uma disputa pela memória. Os comunistas procuraram criar no imaginário social uma imagem de defensores da humanidade e verdadeiros baluartes da paz. Para isso, reconstruíram sua memória de modo a criar uma nova identidade: a de pacifista. Como revela Le Goff, a memória é geradora de esquecimento. As lembranças e os esquecimentos são reveladores dos mecanismos de manipulação da memória. Segundo o historiador, “mais do que lembrar ou esquecer o resultado da operação memorialística é fazer lembrar e fazer esquecer” (LE GOFF, 1984, p. 13). É nesse processo que diferentes segmentos da sociedade enfrentam-se no esforço de construir um passado que melhor lhes sirva de memória.

Em resumo, é possível pensar na construção da memória e sua disputa entre os defensores do comunismo, ligados à URSS, e os do capitalismo, ligados aos EUA. Embora tanto os EUA quanto a URSS disputassem o imaginário sobre uma guerra nuclear, um acusando o outro pela sua deflagração – sendo que ambos se preparavam para tal –, era por intermédio dos jornais comunistas que a população ficava sabendo o que era a bomba atômica, quais eram seus efeitos e as possíveis consequências de uma guerra desse tipo. Dessa forma, os jornais da grande imprensa atuavam no sentido do “fazer esquecer”, não revelando o que ocorrera nas cidades japonesas devido ao ataque dos EUA com bombas atômicas. Enquanto que os comunistas, por intermédio de panfletos, comícios, passeatas, palestras, mas, sobretudo sua imprensa, “lembravam” constantemente aqueles fatos históricos.

REFERÊNCIAS

- “A review of 30 years study of Hiroshima and Nagasaki atomic bomb survivors”. **J. Rad. Research**, Suppl, 1975, (The Japan Rad. Res. Society), v. 16.
- CHAZOV, Evgueni; ILIN, Leonid; GUSKOVA, Anguelina. **Perigo: Guerra Nuclear – Uma Análise dos Médicos Soviéticos**. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Estudos da Saúde (CEBES), 1984.
- CORRÊA, Hércules. **Memórias de um stalinista**. Rio de Janeiro, Opera Nostra, 1994.
- COSTA, Hélio da. **Em Busca da Memória: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra**. São Paulo, Ed. Scritta, 1995.
- DIAS, Eduardo. **Um imigrante e a revolução**. Memórias de um militante operário. 1934-1951. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)**. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.
- HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.
- HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LE GOFF, Jacques. “Memória”. IN: **Enciclopédia Einaud**. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. pp. 11-50.
- LE GOFF, Jacques e outros (Org.). **A nova história**. Coimbra: Almedina. 1990.
- _____. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.
- MARTINS, Eloy. **Um depoimento político – 55 anos de PCB**. Gráfica Palotti, Rio Grande do Sul, 1989.
- NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **A revolução faltou ao encontro. Os comunistas no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- _____. Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964. In REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo (orgs.) **História do marxismo no Brasil**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, vol. 5, 2002.
- STRATHERN, Paul. **Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.